

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA E CIÊNCIA POLÍTICA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

Silvia Regina Vanzella

A Pedagogia Hospitalar: um breve estudo sobre uma Educação Humanista no Hospital
Infantil Joana de Gusmão

Florianópolis
2022

Silvia Regina

A Pedagogia Hospitalar: um breve estudo sobre uma Educação Humanista no Hospital
Infantil Joana de Gusmão

Trabalho de Conclusão de Licenciatura em
Ciências Sociais do Centro de Filosofia e
Ciências Humanas da Universidade Federal
de Santa Catarina, para obtenção do Grau de
Licenciada em Ciências Sociais.

Orientadora: Prof. Marcia Grisotti, Dra.

Florianópolis
2022

Silvia Regina

A Pedagogia Hospitalar: um breve estudo sobre uma Educação Humanista no Hospital Infantil Joana de Gusmão

Este Trabalho de Licenciatura foi julgado adequado para obtenção do título de licenciada aprovado em sua forma final pelo curso Ciências Sociais.

Florianópolis, 20 de junho de 2022.



Documento assinado digitalmente
Rodrigo da Rosa Bordignon
Data: 15/07/2022 10:36:44-0300
CPF: 979.833.810-34
Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Prof. Rodrigo da Rosa Bordignon Dr.
Coordenador do Curso

Banca Examinadora:



Documento assinado digitalmente
Marcia Grisotti
Data: 13/07/2022 16:24:38-0300
CPF: 613.565.229-04
Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Prof. Marcia Grisotti, Dra.
Orientadora

Universidade Federal de Santa
Catarina



Documento assinado digitalmente
SANDRA NOEMI CUCURULLO DE CAPONI
Data: 13/07/2022 12:17:24-0300
CPF: 137.654.878-05
Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Prof. Sandra Caponi, Dra.
Avaliadora

Universidade Federal de Santa Catarina



Documento assinado digitalmente
Isaura Wayhs Ferrari
Data: 12/07/2022 21:02:37-0300
CPF: 030.573.820-88
Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Isaura Wayhs Ferrari, Me.
Avaliadora

Universidade Federal de Santa Catarina

Este trabalho é dedicado a todos que estiveram presentes e que me apoiaram em toda trajetória acadêmica.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a minha determinação por nunca desistir dos meus sonhos, que era ingressar em uma universidade pública. Confesso que não foi fácil e muitas vezes pensei em desistir, foram muitas crises de choro por me sentir incapaz de estar dentro de sala de aula, por motivos de doença, financeiros e duas cirurgias durante esse percurso. Mas enfim, não desisti e estou aqui escrevendo o meu trabalho de conclusão de Licenciatura em Ciências Sociais, um curso que sempre quis fazer e que me fez enxergar tudo aquilo que desde sempre carreguei em minha essência a maneira de pensar e agir perante o mundo que me cerca e as atitudes das pessoas.

Agradeço ao meu querido esposo e companheiro de luta de todos os momentos, os quais enfrentamos juntos e que me deu total apoio do momento do cursinho pré-vestibular da UFSC, do Enem até o vestibular. Meus amados filhos, Ana, Paulo e Rafael, que entenderam na maioria das vezes a minha ausência e sempre me apoiaram na minha jornada. Não poderia deixar de agradecer também a uma querida e doce pessoa que é a minha nora-filha Danielly, que sempre me deu um super apoio.

Aos meus pais Antonia e Antonio, que mesmo de longe, tenho certeza de que se orgulham de mim, que apesar de todas as dificuldades que enfrentei, tive a garra de lutar e entrar em uma Universidade Pública. Pois larguei os estudos muito cedo para trabalhar e depois criar os dois filhos mais velhos sozinha. Sempre tendo que trabalhar muito para criá-los. Mas valeu a pena, são homens honestos, trabalhadores e educados do qual me orgulho muito, e acredito que se inspiraram em mim para também entrar para UFSC, sendo um já formado em Serviço Social. Agradeço imensamente à professora muito querida, Marcia Grisotti, por aceitar ser a minha orientadora e conseguir concluir esse trabalho final.

Agradeço muito a minha amiga Marcella Ribas, pelo seu companheirismo durante essa jornada e de muitos desabafos, e que essa amizade se perpetue para o resto de nossas vidas.

Agradeço a querida Rose, da secretaria deste curso, que sempre foi muito simpática e educada nos processos burocráticos.

Agradeço ao querido Rogério da secretaria que, com muita tristeza, nos deixou recentemente, uma partida tão cedo que nos pegou de surpresa. Fará muita falta, sempre uma pessoa atenciosa e com muita paciência em nos atender.

A minha eterna gratidão a todos os professores que tive durante a graduação, sem exceção, foram todos importantes para minha formação.

A universidade me proporcionou conhecer várias pessoas, cada um com o jeito de ser. Uma diversidade magnífica, onde guardo todos em meu coração, alguns até me faziam sentir a mãe deles, talvez por causa da minha vasta experiência de vida, muitos até pediam conselhos.

Por fim, agradeço demais ao homem honrado e muito querido, Luiz Inácio Lula Da Silva, por tudo que ele batalhou para chegar à Presidência da República e poder proporcionar educação a todos os brasileiros.

E agradeço a uma mulher muito guerreira, que nunca se curvou diante dos covardes da Ditadura, que se mostrou forte, mas ao mesmo tempo um ser doce e amável e que me inspirou em toda a minha vida, minha querida Presidenta Dilma Rousseff.

“O ato de educar em hospitais sinaliza para caminhos novos direcionados a atingirem a razão e coração sem exclusividade de um parâmetro sobre o outro.”

Ortiz Freitas

RESUMO

A atual pesquisa tem por objetivo refletir sobre a importância da Pedagogia Hospitalar, o momento que se encontra o aluno/paciente e seu educador durante o período de internação. Durante muito tempo, crianças e adolescentes que, por algum motivo, estavam hospitalizadas e ou internadas foram deixadas de lado pelo sistema educacional. Por estarem doentes, eram consideradas incapazes de continuar com sua vida escolar, sendo excluídas socialmente. Com o avanço das leis, esse direito passa a ser garantido pelo Estatuto da Criança e do Adolescente, onde toda criança ou adolescente hospitalizado pode dar continuidade aos estudos junto aos programas existentes em hospitais, denominados de classes hospitalares. Espero com esta pesquisa dar visibilidade e relevância social para o campo da Sociologia da Educação e através dessa lente, mostrar que a educação pode ser realizada em qualquer ambiente, inclusive o hospitalar, pois como educadores, temos essa grande missão de proporcionar ao aluno, diante da sua situação, um conforto de que quando tiver alta hospitalar, poderá retornar ao convívio e dar continuidade aos estudos sem maiores prejuízos, evitando o fracasso escolar.

Palavras- chave: Hospitalização infantil. Educação. Classe Hospitalar. Professor-Aluno.

ABSTRACT

The objective of this research is to reflect on the importance of Hospital Pedagogy, the moment in which the student/patient is, and the role of the educationalist during the period of hospitalization. For a long time, children, and adolescents who for some reason were hospitalized, were also left aside by the educational system. Due to their sickness, they were considered incapable of carrying on with their school life, being consequently socially excluded. With the implementation of laws, the following right was guaranteed by the Statute of Children and Adolescents: that every child or adolescent must continue their scholar studies, along with programs present in hospitals, called hospital classes. The intention of this research is to give visibility and social relevance to the field of Sociology of Education and, through this lens, to show that education can happen at any environment, including the hospital environment, for we as educators have the mission to provide the student a comfortable return after the hospital discharge, making them able to carry on with their studies without harms, avoiding school failure.

Keywords: Child Hospitalization. Education. Hospital Class. Educationalist-Student.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AH	Adolescente Hospitalizado
AIDS	Síndrome de imunodeficiência adquirida
AVOS	Associação dos voluntários da saúde
CH	Classe Hospitalar
CNEFEI	Centro Nacional de Estudos e de Formação para a Infância Inadaptada
EA	Espondilite Anquilosante
ECA	Estatuto Da Criança e Adolescente
ECAH	Estatuto da Criança e do Adolescente Hospitalizado
HDC	Hospital Dia Cirúrgico
HIEGR	Hospital Infantil Edith Gama Ramos
HIJG	Hospital Infantil Joana de Gusmão
HIV	Vírus da Imunodeficiência Humana
HNA	Hospício Nacional de Alienados
LDB	Lei de Diretrizes e Base da Educação
MEC	Ministério da Educação
UTI'S	Unidades de Terapias Intensivas
PNHAH	Programa Nacional de Humanização de Assistência
Hospitalar SED	Secretaria do Estado de Educação
SES	Secretaria de Estado da Saúde

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Atendimento escolar com pacientes internados.....	21
Figura 2: Professora e aluno-paciente em quarto.....	23
Figura 3: Agentes do Riso atuando no HIJG.....	25

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 A PEDAGOGIA HOSPITALAR	16
2.1 A história e origem da Pedagogia Hospitalar	16
2.2 A importância da pedagogia hospitalar: o perigo da evasão escolar	18
3 A PEDAGOGIA HOSPITALAR NO HOSPITAL INFANTIL JOANA DE GUSMÃO SUA HISTÓRIA E ESTRUTURA.....	19
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	28
REFERÊNCIAS	29
ANEXO 1 - Direito das Crianças e Adolescentes hospitalizados.....	32

1 INTRODUÇÃO

Estar com bastante frequência dentro do Hospital Infantil Joana de Gusmão, localizado em Florianópolis, Estado de Santa Catarina, fez construir uma grande vontade de realizar o Trabalho de Conclusão de Licenciatura em Ciências Sociais sobre o tema da pedagogia hospitalar, que ainda é um tanto quanto desconhecido dentro do ambiente acadêmico, tanto por parte de discentes quanto docentes, principalmente no âmbito da licenciatura em Ciências Sociais. Como elemento do projeto, através dessa lente de aproximação, essa experiência individual perpassou o tempo junto à universidade, contribuindo para a construção deste trabalho. Abordaremos, então, aspectos relacionados à Sociologia da infância e conceitos de relevância social.

Após o período de internação, muitas crianças e adolescentes têm dificuldade em retornar à sua escola de origem e, neste sentido, a Pedagogia Hospitalar desempenha papel fundamental para o não fracasso desses jovens na formação da sua vida escolar, na recuperação da doença e para melhoria da qualidade de vida. Para Matos e Mugiatti (2017), a Pedagogia Hospitalar é caracterizada por processos relacionados à educação de crianças e adolescentes e compreende uma atenção pedagógica diretamente ligada ao processo educacional enquanto se encontram em período de hospitalização. Para as autoras, este campo vem demonstrando a sua importância dentro das instituições hospitalares a fim de ressaltar uma preocupação com a continuidade da educação de crianças e adolescentes.

No Brasil, os Direitos da Criança e do Adolescente Hospitalizado são garantidos através da Resolução nº 41/95 no artigo 9º (anexo 1), sobre o direito de desfrutar de alguma forma de recreação, programas de educação para a saúde e acompanhamento do curriculum escolar durante sua permanência hospitalar.

Segundo Vasconcelos (2007), em 2002, o Ministério da Educação, por meio de sua Secretaria de Educação Especial, fez o documento com as estratégias e as orientações necessárias para o atendimento nas classes hospitalares, o qual assegura o acesso de crianças e adolescente à educação básica; no documento também é exposto que através da educação, é possível reconstruir a integralidade e humanização nas práticas de saúde, efetivando e defendendo a autodeterminação das crianças, para realizar o acolhimento das famílias nos hospitais, ter uma interação que aposte no crescimento das crianças.

No estado de Santa Catarina, a Secretaria de Educação criou a Portaria nº 30/SED, de 05 de março de 2001, que “Dispõe sobre a implantação de atendimento educacional na Classe

Hospitalar para crianças e adolescentes matriculados na Pré-Escola e no Ensino Fundamental, internados em hospitais”.

Segundo Fonseca (1999), do ano de 1950 até o ano de 1980, existia apenas uma classe hospitalar no Brasil. Após o Estatuto da Criança e Adolescente (ECA), criado em 1990, em 2000 já existiam 67 classes hospitalares. No censo escolar realizado em 2006 pelo Ministério da Educação e Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas em Educacionais Anísio Teixeira, o número de classes escolares era de 279, sendo elas estaduais e municipais.

Fonseca (1999) define classe hospitalar como um atendimento pedagógico-educacional que se realiza no ambiente de tratamento da saúde, sendo desde a internação, no atendimento em hospital-dia e hospital-semana ou até mesmo em serviços de atenção integral à saúde mental.

Na sociedade contemporânea, uma visão humanística sobre a hospitalização de crianças e adolescentes permite uma continuidade nos estudos desses jovens através das classes hospitalares. Todo estudante possui um cadastro em sua escola de origem; quando esse estudante é hospitalizado por algum motivo, esses dados são compartilhados entre o hospital e a escola. O professor da classe hospitalar após a aula, preenche uma ficha com os conteúdos trabalhados, também com outras informações sobre o tratamento e sobre a saúde do estudante. Essa ficha é compartilhada com a escola de origem; o professor da classe hospitalar também faz contato com os professores para saber quais conteúdos estão sendo trabalhados na escola. Após a alta hospitalar, é enviado à escola um relatório descritivo realizado pelo educador, onde aponta os conteúdos trabalhados, como foram trabalhados e uma avaliação do estudante que estava hospitalizado. Dessa forma, quando o estudante retorna à sua escola de origem, pode dar continuidade nos seus estudos, evitando a desistência e o fracasso escolar.

Os motivos que levam uma criança ou adolescente a ser hospitalizado são os mais diversos e, durante este período, é comum que a criança e ou adolescente se sinta esquecido, triste, abandonado, com medo, tenha sentimento de culpa, ansiedade, entre outros. Esses sentimentos surgem a partir do próprio tratamento que muitas vezes é doloroso, feito de forma tradicional e com pouca afetividade. O surgimento desses sentimentos pode desencadear quadros relacionados à saúde mental, dificultando não só o tratamento como também a volta dessa criança e ou adolescente hospitalizado para sua escola de origem e também para a sociedade.

A partir da abordagem de professores especializados em atendimento hospitalar com a classe hospitalar, a comunicação entre pais, escola e hospital, o fracasso ou a desistência escolar podem ser evitados. A criança e ou adolescente precisam ser vistos como um todo: para além de doenças fisiológicas que acometem aqueles indivíduos e que naquela circunstância necessitam de atendimento médico; o psicológico, social e educacional também precisam ser integrados e reintegrados sendo bem trabalhados e desenvolvidos durante o período de internação hospitalar.

Com as práticas de ensino que trabalham e estimulam a criatividade, as brincadeiras, o lúdico, o compartilhamento de espaços sociais e a interação com outras crianças e jovens, as classes hospitalares partem da premissa de que esse momento de hospitalização não interrompe o processo de interação social e de aprendizagem. As classes hospitalares, incentivam os familiares e as crianças a retornarem para a escola regular após alta hospitalar. Apesar de ainda serem poucos hospitais que contam com classes hospitalares no Brasil, esse número vem crescendo e é notável a importância de um professor no desenvolvimento, na aprendizagem e na recuperação da saúde da criança ou jovem hospitalizado.

O presente estudo tem como objetivo compreender a importância do ensino na classe hospitalar e como se dá o papel do educador junto aos alunos dentro do ambiente hospitalar, uma vez que, cabe ao educador ofertar o aprendizado e, conseqüentemente, proporcionar uma recuperação tranquila, diminuindo, então, os prejuízos da ausência da frequência escolar dos alunos em situação de recuperação hospitalar.

A escolha do tema de pesquisa se deu devido à internação da filha Ana, a mais nova dos três filhos da cientista social em formação que vos escreve. Em outubro de 2015, Ana foi internada no Hospital Joana de Gusmão, localizado em Florianópolis, Santa Catarina, devido à doença uveíte decorrente à EA (espondilite anquilosante). Durante o mês de outubro, estavam acontecendo diversas atividades relacionadas ao Dia das Crianças e, perpassando pelas salas de aulas, ficou evidenciado um trabalho progressivo realizado com as crianças e adolescentes internados. Inicialmente, pretendia-se desenvolver uma pesquisa de campo no referido hospital, a partir de questionários e entrevistas que seriam desenvolvidos junto aos educadores, pedagogos, recreadores e também com as crianças e adolescentes internados, porém, devido à pandemia de Covid-19, não foi possível desenvolver tal pesquisa.

Para além da pedagogia, a Pedagogia Hospitalar é um campo a ser explorado dentro de suas multidisciplinaridades e ainda é um campo novo a ser explorado dentro do universo

acadêmico, mas que pode vir a contribuir em larga escala para a educação brasileira. Neste sentido, a pesquisa se dará através de uma pesquisa bibliográfica.

No primeiro capítulo, será abordada a história da Pedagogia Hospitalar: como e quando surgiu, a fim de compreender a trajetória histórica que contribui até hoje para que crianças e adolescentes estejam sempre inseridos no ambiente escolar, ainda que não estejam na escola propriamente dita e também uma abordagem de profissionais que contribuíram para que esse projeto chegasse até às instituições. O segundo capítulo será desenvolvido a partir da história e estrutura da pedagogia hospitalar no Hospital Infantil Joana de Gusmão.

2 A PEDAGOGIA HOSPITALAR

2.1 A história e origem da Pedagogia Hospitalar

Neste primeiro capítulo, abordarei sobre a origem da pedagogia hospitalar, a qual se deu em 1935, quando Henri Sellier, inaugurou em Paris, a Classe Hospitalar. Nesse período ocorreu a Segunda Guerra Mundial, por consequência diversos adolescentes, crianças e jovens, foram gravemente feridos e mutilados, precisando ficar um longo período hospitalizados e com a permanência deles, amenizar o sofrimento causado pela guerra. Diante dessa realidade, Sellier, que sempre teve esse viés socialista, prestando serviços à sociedade, cursou direito, foi ministro da saúde de 1936 a 1937; sempre se dedicou na proteção da saúde, desde a infância nos sistemas de serviços sociais, e decidiu criar essa forma de ensino, com a ajuda de médicos e religiosos, sendo essa a chamada classe hospitalar. Aos poucos essa ideia de educação foi criando espaço na sociedade e dando oportunidade de aprendizagem a essas crianças também como forma de diminuir os traumas da guerra. Esse modelo ficou conhecido mundialmente e começa a ser copiado por outros países da Europa a partir da segunda metade do século XX, surgindo práticas educativas em hospitais. E nas primeiras décadas do século XX no Canadá, Estados Unidos e Inglaterra.

A European Association For Children in Hospital (Associação Europeia para Crianças em Hospital), tem a função de reunir várias entidades para ajudar e defender as crianças hospitalizadas, tendo como objetivo a escolarização durante a internação e depois da alta a continuidade de retorno à escola de origem. A Associação conta com a contribuição e participação de, mais de três mil educadores (PAULA, 2011).

Segundo Paula (2011) Marie Louise Imbert, foi fundadora, em 1929, da L'École à L'Hôpital, criando uma estrutura para permitir que jovens internados não interrompessem a educação. Ensinando jovens que ficaram cegos na guerra, lendo e ensinando música, se dedicou depois três vezes por semana no Hospital Debrousse. Tendo apoio da Assistance Publique – Hôpitaux de Paris, em 1931, vários hospitais se abriram para professores e voluntários e 330 alunos foram beneficiados.

Como Esteves (2008) expôs, foi criado em Suresnes, na França, o Centro Nacional de Estudos e de Formação para a Infância Inadaptadas (CNEFEI) tendo como o objetivo formar professores para o trabalho em instituições especiais e em hospitais. Em 1939 também foi criado o Cargo de Professor Hospitalar junto ao Ministério da Educação na França, o tempo

de duração determinado para essa formação de professores é de dois anos; o CNEFEI formou mais de mil profissionais.

Segundo Bringiotti (2000, p.31 apud AMORIM, 2011), o primeiro documento oficial que legaliza os direitos de jovens hospitalizados surge "(...) em 13 de maio de 1986 a primeira Carta Europeia dos Direitos das crianças hospitalizadas." A partir desse documento, diversos países começam a repensar sua forma de hospitalização, como fazer isso de uma forma menos dolorosa para o paciente, priorizando seu bem-estar e dando oportunidade de escolarização, para que após esse período a criança possa voltar à sua escola de origem.

Segundo Gonzáles (2007), na Espanha a Lei 13/1982 de sete de abril, estabeleceu o que se chama hoje de Classes Hospitalares. Esse processo educacional em hospitais tem uma grande importância e que através dessa Lei, hospitais públicos e privados reservam vagas para as crianças em idade escolar, evitando uma marginalização e prejuízos para os alunos internados.

As administrações educacionais poderão entrar em acordo com as instituições de saúde públicas, tanto infantis como de reabilitação, e também com aqueles que tenham serviços pediátricos permanentes, para o estabelecimento das dotações pedagógicas necessárias para prevenir e evitar a marginalização do processo educacional das crianças em idade escolar que estão internadas nelas. (GONZÁLES, 2007, p.345).

O Pavilhão-Escola Bourniville foi a concretização de uma resposta aos muitos protestos e denúncias que vinham, desde fins do século XIX, o que refletiu sobre a assistência dada às crianças que estavam internadas no Hospício Nacional de Alienados (HNA). Com a criação do pavilhão de crianças, o HNA já estava com quase meio século de fundação e era bastante reconhecido pela sociedade, sendo objeto de atenção e de debate por parte da população letrada do Rio de Janeiro, através dos manifestos na imprensa, dos relatórios oficiais e dos artigos em periódicos especializados (SILVA, 2008).

No início do Século XX no Hospício Nacional de Alienados, situado no Rio de Janeiro, crianças classificadas como anormais ou que tivessem qualquer tipo de problema mental ou cognitivo, eram entregues pela família ao hospício, que, por serem de origem pobre, viam na internação uma maneira de serem cuidadas e a família podia ficar sem essa responsabilidade e gasto. Esses jovens e crianças foram excluídos por muito tempo das práticas educativas e pedagógicas enquanto pacientes. Eram misturados com adultos e em situação de exposição à nudez, sem qualquer cuidado diferenciado. Eram direcionados, esses jovens e crianças, sem haver um enquadramento de seu estado clínico, comprometendo a sua recuperação e dignidade

para ocuparem o seu espaço. Por denúncias feitas por jornais, intelectuais e a sociedade, inspirados nas referências científicas da França, ocorreu separação de adultos e crianças em um anexo construído ao lado do hospício, ao qual foi dado o nome de Pavilhão Escola Bourneville, em 1902 em homenagem ao médico francês Dr. Desiré Magloire Bourniville (1840-1909) que atuou no hospital em Bicêtre na França. Foi eleito Deputado em Paris (1883-1889), conseguindo regulamentar as classes especiais, mas em 1942 a instituição foi fechada.

No Brasil, foi a partir de 1950 que iniciou no Rio de Janeiro no Hospital Municipal Jesus. Através da legislação, apesar de ser pouco difundido, o trabalho realizado ameniza o sofrimento do paciente no período de sua internação, que às vezes pode durar por muito tempo. O pedagogo contribui muito para a recuperação, pois traz esperança e além de ajudar, após a alta contribui para o retorno à escola de origem e o regresso à sociedade.

Com essa pequena ênfase da história da pedagogia hospitalar, percebe-se que existiu uma preocupação para esse período de internação, tanto para aliviar o sofrimento, e uma boa recuperação enquanto enfermo e internado, quanto ao não se perder o aprendizado, havendo, assim, possibilidade de retorno aos estudos sem maiores prejuízos mentais e sociais.

2.2 A importância da pedagogia hospitalar: o perigo da evasão escolar

Podemos compreender que o sucesso escolar e ou social, além das variações históricas, igualmente varia conforme diversos aspectos, estes não relacionados diretamente com o capital cultural, mas sim, com a combinação de fatores e combinações entre as dimensões morais, culturais, econômicas, políticas, religiosas. Estes graus de êxito podem esconder, às vezes, estilos de sucessos diferentes, uma relativa heterogeneidade de modelos. Para Lahire (1997),

Quando o sociólogo pretende indagar sobre o que no princípio do “sucesso” ou do “fracasso” escolar, não pode contentar-se com relacionar os critérios de “sucesso” e de “fracasso” com outras variáveis familiares, ambientais... Não pode medir “rigorosamente” tendo como base a pré-construção social, que é necessariamente vaga, mas de fato, deve incluir em seu objeto os critérios escolares do “sucesso” e do “fracasso”, nunca totalmente explícitos e sempre suscetíveis de variações históricas (LAHIRE, 1997, p.53).

3 A PEDAGOGIA HOSPITALAR NO HOSPITAL INFANTIL JOANA DE GUSMÃO SUA HISTÓRIA E ESTRUTURA

Neste capítulo, traremos a história do HIJG e sua estrutura e o programa de funcionamento e a história da pedagogia hospitalar na instituição.

O grande motivo, que me levou a realizar esta pesquisa, foi a grande frequência que estive dentro dessa instituição por muitos anos acompanhando minha filha em exames, consultas e cirurgias. Não tenho como não relatar a grande estrutura que dispõe o hospital e como é dado o tratamento tanto como medicina e emocional, dando suporte aos pais e filhos em num momento de dor e sofrimento.

A construção HIJG foi em abril de 1977 e dado o seu nome em homenagem à beata Joana de Gusmão, nascida em Santos em 1688. Sendo inaugurado em março de 1979, anteriormente ele era chamado de Hospital Infantil Edith Gama Ramos e foi substituído pelo Hospital Infantil Joana de Gusmão. (SES, 2018).

Com a chegada de vários médicos pediatras em Santa Catarina visava a, ajudar na fundação do hospital pediátrico. Em 1975 foi criada a Associação de voluntários da saúde (AVOS) incentivando ao voluntariado e criando mais associações em outros lugares do estado catarinense. Tem como visão ser o centro de excelência e grande referência para o Estado de Santa Catarina. E a missão de ter princípios éticos e humanizadores no atendimento preventivo. Incentivo em capacitar recursos humanos e pesquisa clínica. É considerado um dos oito melhores Hospitais infantil e do Ensino de pediatria e suas especialidades da América Latina.

Sobre a estrutura do HIJG, possui uma área de 22.000 metros quadrados, tendo 126 leitos de internação, ambulatórios especializados-geral. Tendo como quadro de funcionários 840 colaboradores. Dentro da sua estrutura: Unidade B, Unidade C, Unidade D, Unidade E, Hospital Dia Cirúrgico (HDC), Unidade Berçário, Unidade isolamento, Unidade Oncologia, Unidade Queimados, Unidade de Terapia Geral e Unidade de Terapia Neonatal. Tem como especialidades: Cardiologia, Endocrinologia, Gastroenterologista, cabeça e pescoço, hebiatra, infectologia, nefrologia, neonatologia, neurologista, nutróloga, oncohematologia, queimadura, pediatria geral, pneumologista, reumatologista e terapia intensiva. Dentre as cirurgias que são feitas estão: Cirurgia pediátrica geral, bucomaxilofacial, cabeça e pescoço, neurocirurgia, plástica, oftalmologia, ortopedia, otorrinolaringologia e urologia.

O HIJG mantém uma comunicação social e humanizada, coordenando ações tanto para o pessoal interno e também com ações dirigidas à comunidade. A instituição do hospital, conta com a assessoria de imprensa, utilizando esse canal para divulgar informações.

Os atendimentos nos consultórios são feitos pelo ambulatório de especialidades, com atendimento às crianças de até 15 anos, possui uma área de 1580 metros quadrados, contendo 25 consultórios e recebendo crianças de todo estado de Santa Catarina. Para um nível de prevenção e proteção da saúde e diagnóstico sem precisar de internação, essas crianças são atendidas por médicos especializados. Possui sala de procedimento, sala de gesso, sala de vacina, 03 banheiros, 03 salas de espera, capela religiosa, tendo um atendimento muito qualificado e bem recepcionado por parte da equipe de enfermeiros e médicos.

O serviço do Hospital-Dia HIV-AIDS, proporciona assistência médica, dando suporte para diagnóstico e tratamento sem necessidade de internação. O setor Lactário, prepara formulação lácteas, sucos e regimes diabéticos prescritos. O Centro cirúrgico do HIJG contém 5 salas de cirurgia, sala pré-anestésica, sala de recuperação pós anestesia, tendo alta tecnologia e uma equipe altamente qualificada em pediatria. As especialidades cirúrgicas são: bucomaxilofacial cardiovascular, cirurgia pediátrica geral e vídeo-laparoscópica, cirurgia plástica, neurocirurgia, oftalmologia, ortopedia, otorrinolaringologia, urologia, diagnóstico por imagem, exames radiológicos simples, exames radiológicos contrastado, exames ultrassonográficos, exames Ultrassonográficos Doppler e exames tomografia computadorizada. Dentre os laboratórios existentes, estão: UTI'S, Unidade de terapia Geral, Unidade de Terapia Neonatal - que pode ter permanência de crianças de 0 a 28 dias de vida.

Ainda o Hospital Infantil Joana de Gusmão, tem apoio de Diagnósticos Terapêuticos contando com: Farmácia, Fisioterapia, Fonoaudiologia, Nutrição, Pedagogia, Psicologia e Serviço Social. (SES, 2022).

Na década de 1970, iniciou o Programa de Recuperação Neuropsicomotora, sendo que as crianças são assistidas por uma equipe profissional que avalia suas especificidades afetivas, cognitivas e sociais. No momento essas ações vêm mantendo o quadro da equipe pedagógica, praticadas por programas educacionais e realizadas por pedagogas, recreadoras e estagiários.

O ambulatório Do Hospital Infantil Joana de Gusmão, possui um vínculo com o grupo de saúde mental que faz atendimento pedagógico ambulatorial, buscando ter um diagnóstico e orientação a um acompanhamento escolar de aprendizagem com crianças e

adolescentes que possuem problemas de aprendizagem, buscando assim uma identificação desses problemas e as causas, auxiliando o aluno e a família.

O atendimento escolar hospitalar; tem como propostas pedagógicas e educativas; reintegrar o aluno à escola de origem; após a sua alta hospitalar, sem causar maiores prejuízos ao aluno, quanto ao aprendizado e assegurando o vínculo escolar durante esse período ausente na escola. A equipe pedagógica e os psicólogos do hospital dão o suporte a esse aluno promovendo um processo cognitivo e afetivo num período de adoecimento que o deixa fragilizado emocionalmente por conta do afastamento de casa, família, escola e amigos.

Figura 1: Atendimento escolar com pacientes internados



Fonte: <https://www.sc.gov.br/noticias/temas/saude/atendimento-escolar-a-pacientes-internados-no-hospital-infantil-completa-20-anos>

Segundo Fonseca e Ceccim (1999), a função do professor no hospital não é a de apenas “ocupar criativamente” o tempo da criança para que ela possa “expressar e elaborar” os sentimentos trazidos pelo adoecimento e pela hospitalização, aprendendo novas condutas emocionais, como também não a de apenas abrir espaços lúdicos para que a criança “esqueça por alguns momentos” que está doente ou em um hospital. O professor deve estar no hospital para operar com os processos afetivos de construção de aprendizagem cognitiva e permitir aquisições às crianças.

Os objetivos da Pedagogia Hospitalar no Hospital Infantil Joana de Gusmão pretendem proporcionar aprendizagem e experiências novas dando conforto e mantendo esse vínculo escolar, proporcionando um espaço de interação social prazeroso, favorecendo o retorno escolar e prevenindo a evasão. No Estado de Santa Catarina a classe escolar seguindo as determinações do MEC é oficialmente uma modalidade de Educação Especial. O atendimento pedagógico dentro do ambiente hospitalar, mantém convênio com a Secretaria do Estado (SED); Firmado com a portaria nº30, de 05/03/2001, o Hospital Infantil Joana de Gusmão foi o pioneiro na implantação da classe escolar, e está vinculado pela EEB. Padre Anchieta, escola da rede Estadual, que após a alta hospitalar envia à escola de origem do aluno todos os relatórios contendo as atividades pedagógicas realizadas.

O espaço educativo do HIJG, disponibiliza duas salas para o ensino, atendendo do 1º ao 9º ano, desde que os pacientes sejam liberados pela equipe médica de irem até a sala de aula, sendo que não precisa ter um tempo mínimo de internação. Para as crianças e adolescentes que não têm possibilidades de sair do quarto que estão acamadas, as atividades são realizadas no leito.

As aulas no período matutino, são realizadas no leito e no período vespertino das 13:30 às 15:30 os atendimentos são nas salas de aula. As salas estão equipadas com mobiliário específico para atendimento, possui TV, DVD, computador, aparelhos de som, jogos, almofadas, suporte para soro, cadeira de rodas, brinquedos, livros didáticos, livros infantis e juvenis, entre outros.

A dinâmica do atendimento é feito com: planejamento mensal e semanal; passagem diária das professoras pelas unidades de internação para convite à escola; preenchimento de formulário individual com dados pessoais e escolares; atividades em grupo e individuais conforme o planejamento e/ou necessidades específicas dos alunos; contato telefônico com as escolas de origem após o terceiro dia de frequência na classe hospitalar; relatório descritivo após alta hospitalar, enviado pelo correio, à escola de origem.

Desde o seu antigo hospital pediátrico Edith Gama Ramos, que já havia um trabalho direcionado para recreação, quando a mudança para nova instalação onde é hoje o Hospital Infantil Joana Gusmão, manteve o programa buscando através de atividades lúdicas e educativas, proporcionando à criança e adolescente hospitalizados e de resgatar de uma forma prazerosa, aumentando as relações sociais durante o período de internação fazendo com que melhore sua enfermidade.

A sala de recreação proporciona um ambiente que favorece as brincadeiras educativas e criativas, possui material lúdico-pedagógico, estimulando o potencial e criatividade das crianças internadas. Elas têm acesso a essas atividades em uma área exposta ao sol e no auditório. As crianças e adolescentes impossibilitados que se mantêm no leito, recebem materiais de apoio para as atividades que são disponibilizados pelas pedagogas e pelos pedagogos que juntos desempenham o papel da mediação aluno-professor a fim de realizar o planejamento das atividades propostas. Além das atividades pedagógicas, as recriadoras e os recriadores realizam atividades dentro e fora dos quartos, como, por exemplo, jogos, brincadeiras, artes, leituras, música, cinema, entre outros com o intuito de trazer o lúdico para aqueles que, de certo modo, estão mais afastados, auxiliando ainda mais na recuperação.

Figura 2: Professora e aluno-paciente em quarto



Em pesquisa qualitativa realizada por Brummer (2013), a autora traz relatos de professoras que atuaram com o Atendimento Escolar Hospitalar no HIJG. Segundo a autora, ao entrevistar as professoras elas afirmaram que a experiência de atuar junto à classe hospitalar é única e afirma que

Toda a experiência adquirida nesses meses em que as duas estão atuando no atendimento foi possibilitada através da própria prática com as crianças hospitalizadas. A professora das séries iniciais é recém-formada e tem 22 Uma professora das Séries Iniciais (1º ao 5º ano), contratada há dois meses e uma professora do Ensino Fundamental (6º ao 9º ano) contratada há seis meses. 43 pouca prática com sala de aula na escola regular, embora já tenha trabalhado por um ano. A outra professora já possui mais experiência com o ensino na escola regular e traz consigo essa bagagem de ser professora também no atendimento que realiza dentro do hospital (BRUMMER, 2013, p. 42 e 43).

As professoras, segundo Brummer (2013), apontam ainda que cada conteúdo é adaptado conforme às necessidades de cada aluno-paciente ainda que muitos alunos percam o interesse pelos conteúdos apresentados,

Para lidar com situações deste tipo, bem comum no AEH, é necessário que o planejamento se torne flexível. Mas não só, é importante que haja uma coerência entre as ações. Na escola regular o professor lida com crianças saudáveis e com a mesma turma todos os dias. Há também um planejamento, mas no AEH os acontecimentos surgem de uma maneira muito mais rápida, devido aos fatores já citados no texto, como: rotatividade; falta de interesse dos pacientes/alunos (BRUMMER, 2013, p. 43).

O hospital também tem parcerias com associações que, em datas comemorativas e festivas, tem toda a comunidade que faz ações no Hospital para as crianças e adolescentes. São animadores infantis, colégios, escolas de música, corais, mágicos, artistas plásticos, cênicos, contadores de história, palhaços, músicos e projetos de extensão acadêmicos (SES, 2022).

Figura 3: Agentes do Riso atuando no HIJG



Fonte: <http://www.portaldailha.com.br/noticias/lernoticia.php?id=51556/acidente-na-br-282-com-onibus-da-banda-garotos-de-ouro-termina-com-morte>

Levando em consideração que crianças e adolescentes, em período de internação hospitalar, perdem o contato social que anteriormente era comum, é inegável os impactos sociais desta situação. Ao perder a frequência escolar, perdem também a sua sociabilização que pode vir a afetar condições psicoemocionais. Neste sentido, a Pedagogia Hospitalar dentro do HIJG dedica esse atendimento pedagógico às crianças e adolescentes a fim de evitar que o futuro destas e destes seja prejudicado com o fracasso ou a evasão escolar. Belancieri et al. (2018) apontam que durante o período de hospitalização; as crianças e adolescentes sentem-se valorizados

Quando em contato com as práticas pedagógicas e, ainda mais, quando encontram um espaço de repensar o seu convívio social. Sentimentos de bem estar, autoestima, maior suportabilidade dentre outros, são revelados quando estudantes hospitalizados são confrontados com as práticas hospitalares (CASTRO, 2009). A escolarização durante a hospitalização garante não só a continuidade do processo de educação formal como também promove o bem estar e qualidade de vida à criança (BELANCIERI ET. AL, 2018)

Neste sentido, os autores ainda afirmam que há uma evolução significativa na recuperação física dessas e desses pacientes, possibilitando, então, bem-estar e maior qualidade de vida durante o processo e também posteriormente quando de volta à socialização.

Para Wolf (2007), a Pedagogia Hospitalar além de buscar contribuição para o aprendizado do jovem hospitalizado colabora para sua construção social, fazendo com que esse período se torne mais tranquilo e também para os pais que se encontram num momento de fragilidade emocional e preocupação com seus filhos. O olhar do pedagogo hospitalar, além do ato de ensinar, também trabalha com o lado emocional e humano, que nem sempre encontra com pacientes com enfermidades leves. A Pedagogia Hospitalar, busca oferecer assessoria e atendimento emocional e humanístico tanto para o paciente (criança/jovem) como para o familiar (pai/mãe) que muitas vezes apresentam problemas de ordem psicoafetiva que podem prejudicar na adaptação no espaço hospitalar. (WOLF 2007, p. 3).

A sociologia tem muito a oferecer neste processo pedagógico, através de um trabalho integrado junto aos professores, familiares e especialmente com a instituição e as políticas públicas de saúde já que a melhoria, ampliação e continuidade da pedagogia hospitalar depende de fatores sociopolíticos e da compreensão da categoria infância e suas abordagens pedagógicas. Como aponta Arroyo (2008),

Os estudos não deixam de mostrar-nos que há infâncias que ao longo da história não couberam, nem na atualidade cabe, neste estatuto e perfil universais de infância; que há outras infâncias que não foram atingidas pelas estratégias e instituições civilizatórias e pedagógicas. Infâncias que não foram objeto dos mesmos saberes legitimados. Para essas outras infâncias foram pensados outros estatutos e outros saberes pedagógicos. Os estudos mostram que outros coletivos de adultos e crianças nem sequer foram imaginados como civilizados nem como educáveis. Se os estudos nos revelam que há outros adultos e outras crianças, como esses "outros" interrogam o pensar e fazer educativos? Como interrogam os estatutos e ideários, as instituições, estratégias e verdades e os saberes tidos como universais? A pedagogia que por ofício convive com esses "outros" adultos e jovens e com essas "outras" crianças sairá enriquecida se prestar atenção à diversidade de estudos que se voltam para a reconstrução histórica, sociológica e antropológica das outras infâncias (ARROYO, 2008, p. 130).

Assim, foi possível concluir que Arroyo e diversos pensadores no Brasil; buscaram uma educação igualitária e de qualidade para todas as crianças e adolescentes, principalmente para aqueles historicamente excluídos, para assim diminuir as diversas desigualdades sociais.

Também Libâneo (1991); aponta que

[...] uma Pedagogia social voltada para os conteúdos culturais entende que há saberes universais que se constituíram em domínios de conhecimento relativamente autônomos incorporados pela humanidade e que devem ser permanentemente reavaliados em face às realidades sociais, através de um processo de transmissão-assimilação revalidação crítica. O objetivo da escola, assim, será garantir a todos, o saber e as capacidades necessárias a um domínio de todos os campos da atividade humana, como condição para redução das desigualdades de origem social (LIBÂNEO, 1991, p.166).

A pedagogia hospitalar, não deve ser apenas caracterizada de maneira formal, ela deve ser um conjunto entre os conteúdos trabalhados normalmente na escola regular, como também deve-se trabalhar a parte emocional, social e psicológica das crianças e jovens em período de hospitalização.

O estudo dos fenômenos educacionais está inserido nos paradigmas das Ciências Humanas e Sociais, uma vez que pesquisas de caráter humano necessitam de metodologia própria e com vínculos socialmente condicionados. Há também, neste paradigma, um acerto de contas no delineamento dos papéis de pesquisa nos quais a identidade dos atores é vista numa nova atitude de aproximação: o pesquisador, situado na cena investigada, e o pesquisado, como informante que se percebe também como sujeito deste processo. O objeto das ciências Sociais é histórico, caracterizado pela provisoriedade de “estar” no mundo, como elemento passageiro, transitório (ORTIZ, 2001).

A ideologia nos remete, segundo a autora, através de uma realidade a ser construída dentro do ambiente hospitalar e a vivência que temos nos dá a capacidade de transformação, fazendo um processo de superação.

Dessa forma, o educador em pedagogia hospitalar deve ter seus olhos voltados para o todo, valorizando o indivíduo, o emocional, o psicológico, o social, sem deixar de lado os conteúdos que são abordados na escola regular.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de não ter sido possível realizar a pesquisa como pretendia, devido às limitações impostas pela pandemia, acredito que o objetivo no término desse trabalho foi, de certa forma, alcançado, o qual era de conhecer a função do pedagogo hospitalar, sua história e trajetória; com isso é possível também contribuir para visibilizar esse formato de educação no âmbito das ciências sociais. Deseja-se que essas crianças e jovens hospitalizados, tenham cada vez mais atenção quanto à sua saúde, tratamento, educação, respeito, cura e carinho; pois os direitos delas já são garantidos por lei, mas precisa-se que sejam mais divulgadas as políticas públicas, para serem mais bem concretizadas. Com muitas mudanças que estão acontecendo por parte do atual desgoverno, retirando das minorias os benefícios que foram conquistados com muita luta, é preciso garantir essa educação tão importante para essas crianças, sendo essas as que mais sofrem na hora de cortes e verbas dos órgãos responsáveis - e que, na maioria das vezes, contam com a ajuda de pessoas voluntárias.

Sugere-se, portanto, que em todas as graduações de Licenciatura sejam ofertadas como disciplina obrigatória a Pedagogia Hospitalar, com o intuito de dar mais visibilidade ao tema, pois para muitos ainda é um tema desconhecido. Acredito que essa pesquisa bibliográfica feita para a realização do término do meu trabalho, enriqueceu muito o meu conhecimento a respeito do tema Pedagogia Hospitalar.

Na verdade, porém os chamados marginalizados, que são os oprimidos, jamais estiveram fora de. Sempre estiveram dentro de. Dentro da estrutura que os transforma em “seres para outro”. “Sua solução, pois, não está em integrar-se”. Em “incorporar-se” a esta estrutura que os oprime, mas em transformá-la (FREIRE, 1987).

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel. A infância interroga a Pedagogia. In: SARMENTO, Manuel J.; GOUVEA, Maria Cristina. **Estudos da Infância: Estudos e Práticas Sociais**. Petrópolis :RJ, Vozes, 2008.

AMORIM, Neusa da Silva. **A PEDAGOGIA HOSPITALAR ENQUANTO PRÁTICA INCLUSIVA**. Porto Velho, 2011.

BELANCIERI, Maria Fatima *et al.* Pedagogia hospitalar: intervenções na unidade pediátrica a partir da contação de histórias. **Semina: Ciências Sociais e Humanas**, Londrina, v. 39, n. 1, p. 53-64, jan. 2018. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-54432018000100005#:~:text=A%20presença%20do%20pedagogo%20no,agradável%20e%20prazeroso%2C%20mais%20próximo](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-54432018000100005#:~:text=A%20presença%20do%20pedagogo%20no,agradável%20e%20prazeroso%2C%20mais%20próximo. Acesso em: 03 maio 2022). Acesso em: 03 maio 2022.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Resolução CNE/CP 1, de 18 de fevereiro de 2002. Institui diretrizes curriculares nacionais para a formação de professores da educação básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena. **Diário Oficial da União**, Brasília, 9 abr. 2002c.

_____. Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente Hospitalizados. Resolução nº 41 de outubro de 1995. Disponível em: <https://portaldeboaspraticas.iff.fiocruz.br/biblioteca/resolucao-n-41-de-13-de-outubro-de-1995/>

BRUMMER, Bárbara Rafaela. **A ATUAÇÃO DO PROFESSOR NO ÂMBITO DA CLASSE HOSPITALAR**. 2013. 60 f. TCC (Graduação) - Curso de Pedagogia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

DIREITOS DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE HOSPITALIZADOS. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/bioética/conanda.htm> Acesso em: nov 2020.

ESTEVES, Cláudia R. **PEDAGOGIA HOSPITALAR: UM BREVE HISTÓRICO**. Disponível em: <https://pedagogiaaopedaletra.com/wp-content/uploads/2013/06/HIST%C3%93RICO-DA-PE-DAGOGIA-HOSPITALAR.pdf> Acesso em: nov 2021.

FONSECA E.S.; CECCIM, R.B. **Atendimento pedagógico-educacional hospitalar: promoção do desenvolvimento psíquico e cognitivo da criança hospitalizada**. Temas sobre Desenvolvimento, v.7, n.42, jan./fev., 1999.

FONSECA, E.S. **Atendimento pedagógico-educacional para crianças e jovens hospitalizados: realidade nacional**. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, 1999. _____. 2003

FONSECA, E.S. - **Classe hospitalar: ação sistemática na atenção às necessidades pedagógico-educacionais de crianças e adolescentes hospitalizados**. Temas sobre Desenvolvimento, v.8, n.44, p.32-3, 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. Disponível em: http://www.paulofreire.org/vida_obra_textos.htm. Acesso em: jun 2022.

GONZÁLES, Eugenio. **Necessidades educacionais específicas**. Porto Alegre, Artmed, 2007. Disponível em: <http://www.hijg.saude.sc.gov.br/index.php/institucional>. Acesso em: fev 2021.

IBARRA, Ana Cristina Rodrigues. GUIMARÃES, Flávia Matias. **O ATENDIMENTO EM CLASSE HOSPITALAR: TRAJETÓRIA E PERSPECTIVAS.** Disponível em: <http://www.inicepg.univap.br/cd/INIC_2008/anais/arquivosINIC/INIC0970_01_A.pdf> Acesso em: nov 2021.

I.N.E.P - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **CENSO ESCOLAR - RESULTADOS E RESUMOS.** Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/web/guest/resultados-e-resumos>> Acesso em: nov 2020.

MATOS, Elizete Lúcia Moreira; MUGIATTI, Margarida Maria Teixeira de Freitas. **Pedagogia hospitalar: humanização integrando educação e saúde.** 7. ed. Sadsadasdasdsadsad: Editora Vozes, 2013.

LAHIRE, Bernard. **Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável.** São Paulo: Editora Ática, 1997. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/mod/resource/view.php?id=2292009&forceview=1>. Acesso em: 10 jun. 2022.

LIBÂNEO, José Carlos. Psicologia Educacional: Uma avaliação crítica. In: LANE, Silvia; CODO, Wanderley. (orgs). **Psicologia Social: O homem em movimento.** São Paulo: Brasiliense, 1991.

MATOS, Elizete Lúcia Moreira. MUGIATTI, Margarida Maria Teixeira de Freitas. **PEDAGOGIA HOSPITALAR: A HUMANIZAÇÃO INTEGRANDO EDUCAÇÃO E SAÚDE.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

OLIVEIRA, Tyara Carvalho de. Um Breve Histórico Sobre as Classes Hospitalares no Brasil e no mundo. XI Congresso Nacional de Educação Educere, 2013. SEMED Nova Iguaçu/RJ. SME de Duque de Caxias/Rj. Acesso em: <https://educere.bruc.com.br/ANAIS2013/pdf/9052_5537.pdf>. Acesso em: jan 2022.

ORTIZ, L. C. M.; FREITAS, S. N. Classe hospitalar: um olhar sobre sua práxis educacional. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos.** V.82, p.70-77, jan/dez. 2001.

PAULA, Ercília Maria Angeli Teixeira De. **PEDAGOGIA HOSPITALAR NA PEDAGOGIA SOCIAL: REFLEXÕES TEÓRICAS.** Disponível em: <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC000000092010000100008&script=sci_arttext&tlng=pt>. Acesso em: nov 2021.

PAULA, Ercília Maria Angeli Teixeira De. A Pedagogia de Projetos nas Escolas dos Hospitais: Estratégia Coletiva de Construção de Conhecimentos. In. SCHILKE, Ana Lúcia, NUNES, Lauane Baroncelli; AROSA, Armando C. (Orgs). **Atendimento Escolar Hospitalar: saberes e fazeres.** Niterói Ed Intertexto, 2011.p.57-65.

SANTA CATARINA. Secretaria de Estado da Educação e do Desporto. Dispõe sobre a implantação de atendimento educacional na Classe Hospitalar para crianças e adolescentes matriculados na Pré-Escola e no Ensino Fundamental, internados em hospitais. Portaria no 030, de 5 de março de 2001. Florianópolis, p. 4.

SES. **HOSPITAL INFANTIL JOANA DE GUSMÃO.** 2018. Disponível em: <<https://www.saude.sc.gov.br/index.php/resultado-busca/geral/10332-hospital-infantil-joana-d-e-gusmao-2>>. Acesso em: jun 2022.

____. **Secretaria de Estado da Saúde - Hospital Infantil Joana de Gusmão.** <<http://www.hijg.saude.sc.gov.br/index.php/institucional>>. Acesso em: jun 2022.

SILVA, R. P. da. Medicina, educação e psiquiatria para infância: O Pavilhão-Escola Bourneville no início do século XX. 2008. 180 f. Dissertação (Mestrado em História das

Ciências e da Saúde). Casa de Oswaldo Cruz, Fiocruz, Rio de Janeiro. - Rev. Latinoam Psicopat. Fund., São Paulo, v. 12, n. 1, p. 195-208, março 2009.

SILVA, Silvana Aparecida Siena. FANTACINI, Renata Andrea Fernandes. **PEDAGOGIA HOSPITALAR: A AÇÃO PEDAGÓGICA EM HOSPITAIS PEDIÁTRICOS.**

Disponível

em:

<https://www.researchgate.net/profile/Fabiana_Sgobbi2/publication/309909745_Gestao_democratica_da_escola_publica_da_educacao_e_da_sociedade_desafios_aos_gestores/links/58261a3b08ae5c0137eb9dc2/Gestao-democratica-da-escola-publica-da-educacao-e-da-sociedade-desafios-aos-gestores.pdf#page=32>. Acesso em: Nov 2021.

UERJ - Universidade do Estado do Rio de Janeiro. **Estudos e pesquisas sobre atendimento escolar hospitalar.** 2007. Disponível em: <<http://www.escolahospitalar.uerj.br/estudos.htm>>. Acesso em: jun 2022.

VASCONCELOS, Sandra Maia Farias. **CLASSE HOSPITALAR NO MUNDO: UM DESAFIO À INFÂNCIA EM SOFRIMENTO.** Disponível em: <http://www.sbpcnet.org.br/livro/57ra/programas/conf_simp/textos/sandramaia-hospitalar.htm#_ftnref1> Acesso em: nov 2021.

WOLF, Rosângela Abreu do Prado. **PEDAGOGIA HOSPITALAR: A PRÁTICA DO PEDAGOGO EM INSTITUIÇÃO NÃO-ESCOLAR.** Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/5141/514151721014.pdf>> Acesso: nov 2021.

ANEXO 1

Direito das Crianças e Adolescentes Hospitalizados

Brasil. Conselho Nacional de Direitos da Criança e do Adolescente. Resolução N° 41, de 13 de outubro de 1995. DOU, Seção 1, de 17/10/1995. Aprova na íntegra o texto da Sociedade Brasileira de Pediatria, relativo aos direitos da criança e do adolescente hospitalizados

O Conselho Nacional de Direitos da Criança e do Adolescente reunido em sua Vigésima Sétima Assembléia Ordinária e considerando o disposto no Art. 3° da Lei 8.242, de 12 de outubro de 1991, resolve: Aprovar em sua íntegra o texto oriundo da Sociedade Brasileira de Pediatria, relativo aos Direitos da Criança e do Adolescente Hospitalizados, cujo teor anexa-se ao presente ato. II. Esta resolução entra em vigor na data de sua publicação.

1. Direito à proteção à vida e à saúde, com absoluta prioridade e sem qualquer forma de discriminação.
2. Direito a ser hospitalizado quando for necessário ao seu tratamento, sem distinção de classe social, condição econômica, raça ou crença religiosa.
3. Direito a não ser ou permanecer hospitalizado desnecessariamente por qualquer razão alheia ao melhor tratamento de sua enfermidade.
4. Direito a ser acompanhado por sua mãe, pai ou responsável, durante todo o período de sua hospitalização, bem como receber visitas.
5. Direito a não ser separado de sua mãe ao nascer.
6. Direito a receber aleitamento materno sem restrições.
7. Direito a não sentir dor, quando existem meios para evitá-la.
8. Direito a ter conhecimento adequado de sua enfermidade, dos cuidados terapêuticos e diagnósticos a serem utilizados, do prognóstico, respeitando sua fase cognitiva, além de receber amparo psicológico, quando se fizer necessário.
9. Direito a desfrutar de alguma forma de recreação, programas de educação para a saúde, acompanhamento do currículo escolar, durante sua permanência hospitalar.
10. Direito a que seus pais ou responsáveis participem ativamente do seu prognóstico, tratamento e prognóstico, recebendo informações sobre os procedimentos a que será submetido.
11. Direito a receber apoio espiritual e religioso conforme prática de sua família.
12. Direito a não ser objeto de ensaio clínico, provas diagnósticas e terapêuticas, sem o consentimento informado de seus pais ou responsáveis e o seu próprio, quando tiver discernimento para tal.
13. Direito a receber todos os recursos terapêuticos disponíveis para a sua cura, reabilitação e ou prevenção secundária e terciária.
14. Direito a proteção contra qualquer forma de discriminação, negligência ou maus tratos.
15. Direito ao respeito a sua integridade física, psíquica e moral.
16. Direito à preservação de sua imagem, identidade, autonomia de valores, dos espaços e objetos pessoais.
17. Direito a não ser utilizado pelos meios de comunicação, sem a expressa vontade de seus pais ou responsáveis, ou a sua própria vontade, resguardando-se a ética.
18. Direito à confidência dos seus dados clínicos, bem como direito a tomar conhecimento dos dados arquivados na instituição, pelo prazo estipulado em lei.

19. Direito a ter seus direitos constitucionais e os contidos no Estatuto da Criança e do Adolescente respeitados pelos hospitais integralmente.

20. Direito a ter uma morte digna, junto a seus familiares, quando esgotados todos os recursos terapêuticos disponíveis



Documento assinado digitalmente

SILVIA REGINA VANZELLA

Data: 12/07/2022 19:08:32-0300

Verifique em <https://verificador.iti.br>